

Sobre o estudo dos clássicos e educação

Gustavo José Assunção de Souza*

Resumo

O presente *paper* tem o intuito de reunir estudos realizados para a disciplina Pensamento Educacional Contemporâneo. Da disciplina foi destacado o estudo do texto de Ítalo Calvino (1993) – *Por que ler os clássicos?* – e as reflexões por ele suscitadas. Para tanto, abordaremos a criação do conceito de clássico a partir da perspectiva do classicismo e do romantismo alemão, em Goethe e Novalis. Para concluir, abordaremos a temática sob a ótica de Walter Benjamin, juntando as peças dos usos dos clássicos para se pensar a formação de si enquanto formação [*Bildung*] humana.

Palavras-chave: Clássicos. Novalis e Goethe. Formação.

Introdução

Estranha é, pois, nesse esforço por adquirir uma ideia da Antiguidade, a sensação decorrente de depararmos apenas com ruínas a partir das quais temos de reconstruir de forma precária aquilo de que ainda não temos ideia (GOETHE, 1999, p. 154).

Viagem à Itália, Teni, 27 de outubro de 1786.

A história da recepção dos clássicos é socialmente marcada. Portanto, nem sempre existiram os clássicos, os autores antigos: a Antiguidade clássica é um constructo social. O ponto que nosso *paper* deseja auferir seu fichamento teórico é sobre a origem e a pertinência do encontro com o texto clássico e sua relevância ao tempo contemporâneo para a formação dos sujeitos para a vida em sociedade. E concluímos nosso *paper* com uma breve síntese da emergência da releitura dos clássicos nos dias de hoje, sob ótica benjaminiana.

Antes de entrarmos nas propriedades dos clássicos no desenvolvimento teórico localizamos algumas de suas características originárias no romantismo europeu. Os clássicos passam a existir por conta de uma necessidade de encontrar-se com as origens do pensamento, da filosofia, da poesia e da arte. Aqueles são intelectuais do

* Mestrando na Linha Educação, Comunicação e Tecnologia, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina. Integrante do Grupo de Pesquisa Nexos: Teoria Crítica e Pesquisa Interdisciplinar – Sul. Professor do Ensino Fundamental 1 da Rede Municipal de Ensino de Palhoça.

E-mail: gustavo.souza@aluno.fmpsc.edu.br

século XVIII que, com energia, dedicaram-se a encontrar essas origens das mais distintas formas. Ressaltamos as de Goethe e Novalis.

Na sua tese de doutoramento, *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão* [Der Kunstbegriff in der deutschen Romantik], de 1919, Walter Benjamin (2018a, p. 110-119) fala sobre a oposição entre o pensamento de Novalis e Goethe em relação a Antiguidade. Ambos concordam quanto a sua aparição: em Novalis não se aceita uma imagem do passado como uma origem, como um cânone a ser repetido, repreendendo o mundo Antigo; em contraposição, Goethe supõe que o passado vem até nós para cobrar uma dívida, interpelando-nos com registros históricos de sua existência decifrável apenas em seus vestígios e ruínas.

A origem dos clássicos em Goethe e Novalis

A questão em que há concordância entre Goethe e Novalis, i. e., na sua aparição enquanto constructo social, poderia ser expressa nessa linha de Novalis em seu texto *Sobre Goethe* “[...] erramos muito quando acreditamos que existam Antigos. Só agora começam os Antigos a nascer” (NOVALIS, 1981 apud MOLDER, 2014, p. 75). A secularização das forças do cristianismo na Europa provocou uma tensão social que se cristalizou na necessidade de nascimento dos Antigos. Nesse sentido, a assonância Goethe/Novalis se materializa na *Viagem à Itália*, de Goethe, uma tentativa de encontrar-se com a origem do pensamento ocidental nas ruínas da sociedade romana e com os fragmentos pré-socráticos, em Novalis, buscando no que resta da história da Antiguidade uma força de criação poética e filosófica originária¹. Se realiza um movimento rememorativo a partir dos escombros, dos monumentos tombados ou silenciados, nas marcas de um passado arruinado por uma catástrofe inevitável. A partir desse movimento criam-se os clássicos Antigos.

Na verdade, a história trata com cinzas, com fragmentos, com restos funerários, e esse elemento catastrófico, cuja dominância destrutiva também não pode ser posta entre parêntesis, é, por sua vez, redimido por esse esforço de dar nascimento a: ‘Só agora começam os Antigos a nascer’ (MOLDER, 2014, p. 75).

¹ É interessante notar que os textos pré-socráticos são assim dispostos como fragmentos pelo efeito das marcas históricas sobre seu conteúdo, das catástrofes que lhes arruinaram, lhes transformaram em resquícios, sobras, resultantes, portanto, da união da ação do tempo em reflexões atuais. Nesse sentido, pergunta-se Torres (2001), no prefácio à obra *Polen* de Novalis: “O discurso dos pré-socráticos foi reduzido a fragmentos pela erosão do tempo e as conflagrações da História. A escrita dos primeiros românticos nasce já na forma de fragmento – produto, talvez, de uma erosão e conflagração no próprio pensamento?” (TORRES, 2001, p. 11). Portanto, o retorno de Novalis à Antiguidade se materializa na criação de fragmentos feitos fragmentos imediatamente.

Benjamin escreve a Scholem, em 1917 [Julho], que começa a se debruçar sobre o Romantismo alemão (passa a estudar profundamente Novalis, Friedrich Schlegel e August Wilhelm Schlegel [irmãos], Johann W. Goethe, Johann G. Herder, Friedrich W. J. von Schelling, Friedrich Schleiermacher, Johann G. Fichte, Gotthold E. Lessing, Friedrich Schiller, Heinrich Heine, Friedrich Hölderlin e Jean Paul). Nesse momento de retorno aos clássicos, Benjamin enuncia ao seu amigo não ter mais tempo para dar cabo de seu trabalho a respeito de Kant, “[...] pois o romantismo é seguramente o último movimento que ainda por uma vez tenta salvar no presente a tradição” (apud MOLDER, 2014, p. 173). Walter Benjamin (2018a) vai escrever em sua tese de doutoramento sobre as duas facetas inseparáveis do conhecimento dentro da filosofia e poesia romântica alemã: a certeza de um conhecimento que perdura [Kant] e a dignidade de uma experiência que passa [de vir em Heráclito] em uma festa com o presente.

Então entramos no ponto de divergência entre Goethe e Novalis. Neste, temos a salvação do presente por uma força de rompimento com os cânones dos clássicos. Os Antigos precisam nascer para serem evitados, *mutatis mutandis*, para emular na poesia do presente a sua origem. A escrita por fragmentos quer em Novalis resgatar a origem grega, como um relâmpago que atravessa o mundo externo e interno. Em sua *Folha de fragmentos*, § 2, lê-se: “Tudo o que é bom no mundo vem de dentro/e portanto lhe vem de fora/mas só relampeja através” (NOVALIS, 2001, p. 31). Em Goethe, temos a perspectiva de que o passado pode retornar a cada instante como uma iluminação. Maria Filomena Molder (2014) comenta a experiência da *Viagem à Itália*, de Goethe:

A visão da infância orientava-o para uma imagem que, tendo-o devorado, voluntariamente apagada, escondida, resplandecia – reconhecidos agora os seus direitos – como a revelação longamente adiada de um voto: “é tudo como eu tinha imaginado e tudo novo”. É assim que se apresenta o reencontro com os Antigos e é assim que se descreve a constituição do seu modo de conhecer a natureza: a partir da sua antecipação, apreender uma ideia (MOLDER, 2014, p. 62).

Goethe, quando se encontra com o mundo clássico em sua origem e no momento de seu nascedouro, percebe o novo: ele antecipou com sua imaginação aquelas ruínas imbricadas em seu passado na medida em que via nelas uma revelação de um novo, de uma ideia. Portanto, em Goethe, quando o passado nos assalta sofre uma interrupção. A recepção dos clássicos é cheia de impurezas e ruídos na qual a interrupção provoca uma nova forma de constelação para o teor de verdade de releitura ou reapresentação daquelas origens. A exegese do texto se estabiliza com esse ruído, com esse desvio da imaginação que realoca o novo no antigo: no eterno retorno, a cada viagem à Itália,

Goethe estaria fadado a reencontrar o antigo sob a faceta do novo, pois o presente desestabiliza o passado, fazendo todo retorno ser diferente de si mesmo e essa diferença ser a sua origem. As diferenças acumulam as ruínas e vão perdendo os clássicos em seus abismos. A busca por essa origem nas ruínas é imbuída dessa consciência de potência para decifrar os enigmas escondidos nelas. Molder (2014, p. 71) esclarece:

É dupla a feição do conceito de Antigo e de Antiguidade: histórica e natural. Ele é gerado pela descoberta daquilo que, em rigor, nunca se poderá restituir, uma imagem perdida num campo de ruínas da história: mas constitui, ao mesmo tempo, a forma mais elevada do conceito de natureza, precisamente no momento em que o poeta ou o artista procura pela origem da poesia e da arte.

Atualidade dos clássicos

Calvino (1993), sendo ele mesmo um clássico a falar dos clássicos, enumera 14 motivos para se ler esses autores, além do comentado acima. Todos são motivos relevantes. Os clássicos de Calvino se perpetuam na história e se reinventam a cada nova leitura. A história das leituras anteriores as nossas marcam nos clássicos formas de ver e de pensar o tempo presente. Em cada nova aproximação de um texto clássico atualizam-se os problemas do passado sob as circunstâncias do agora. De certa forma, mesmo em Calvino, tem-se o teor da reflexão de Goethe do clássico como uma iluminação da memória sobre o presente. Os clássicos trazem “[...] consigo as marcas das leituras que precederam a nossa e atrás de si os traços que deixaram na cultura ou nas culturas que atravessaram (ou mais simplesmente na linguagem ou nos costumes)” (CALVINO, 1993, p. 11). Por isso, um clássico é um texto que sempre tem o que dizer por concentrar em si as tensões de sua época ao ponto de servir de mote para reflexão para as épocas futuras.

Um clássico, ainda segundo esse autor, tem que falar por si na relação íntima que tem com seus novos leitores. Não se pode permitir que os clássicos sejam renarrados por terceiros que transformam a profundidade de uma ideia em um invólucro esmiuçado. Um clássico precisa ser desbravado por seus leitores na medida em que se reconhecem e amadurecem junto do próprio texto. Alerta o erudito italiano:

A escola e a universidade deveriam servir para fazer entender que nenhum livro que fala de outro livro diz mais sobre o livro em questão; mas fazem de tudo para que se acredite no contrário. Existe uma inversão de valores muito difundida segundo a qual a introdução, o instrumental crítico, a bibliografia são usados como cortina de fumaça para esconder aquilo que o texto tem a dizer e que só

pode dizer se o deixarmos falar sem intermediários que pretendam saber mais do que ele (CALVINO, 1993, p. 12).

Sendo assim, as instituições escolares devem permitir a circulação em seus circuitos de obras clássicas a serem conhecidas. Não para que se teorize a respeito da profundidade de Homero, Virgílio, Ésquilo, Eurípides e Dante, mas para que se encontre nessas obras luzes que possam alvejar o presente e repensá-lo. Um clássico é um texto que precisa ser revisitado, pois a cada visita o leitor, em seu processo de maturidade, (re)encontra detalhes que, até então, estavam invisíveis e que necessitavam de maior experiência de vida para serem descortinados. Mas ler os clássicos hoje não é tarefa fácil. Os estímulos da era digital efemerizam o tempo, fazendo-o escoar cada vez mais veloz. Um clássico demanda tempo e dedicação de reserva para poder ser fruído e experienciado. Não temos a condição de Goethe, em sua Viagem à Itália, de sair em missão diplomática pelo mundo e explorar suas ruínas, suas histórias, seu passado, tampouco o tempo de Goethe para fruir uma obra clássica em meio a um paraíso botânico sob domínio do qual o tempo é suspenso e expandido indeterminadamente. Explica Calvino (1993, p. 15) que: “Resta o fato de que ler os clássicos parece estar em contradição com nosso ritmo de vida, que não conhece os tempos longos, o respiro do *otium* humanista”.

Assim, a leitura dos clássicos permite também este retorno a um tempo que contradiz a velocidade da contemporaneidade. Em 25 de janeiro de 1787, em Roma, Goethe escreve: “É impossível conhecer o presente sem reconhecer o passado, e o equilíbrio entre ambos demanda mais tempo e tranquilidade” (GOETHE, 2017, p. 193). Um clássico demanda um modo de encontro, uma experiência de tempo profundamente marcada para relembrar as proposições de Walter Benjamin, não pelo tempo do relógio (tal como Chronos), mas, sim, um tempo cheio de *Agora* (tal como Kairós), revitalizando a cada encontro, tanto o texto e sua época como o leitor e sua temporalidade.

Para deixar mais resistente às conjecturas reunidas até aqui, acerca dos clássicos, podemos colocar em jogo uma contraprova vinda de Kant. “Na ‘Resposta a Eberhard’ (1790), Kant declara que não há ‘autor clássico’ em filosofia, isto é, que não há argumentos de autoridade” Kant faz uma fissura na barreira intransponível dos cânones filosóficos que se repetiam acriticamente no decorrer da história da filosofia (sem colocar em questão, por exemplo, a justificativa do conhecimento, do belo e do bem). Essa abertura o fará ser reconhecido como o “matador de dragões”. Todavia, Kant é movido por um impulso sistemático de uma pureza transcendental, tanto para a natureza como para as produções humanas. Portanto, o conhecimento dos Antigos e

os clássicos são vistos como um empecilho, um problemático dragão a ser morto e rompido para dar prosseguimento ao motor da própria história. Molder (2014) comenta acerca de como usou o pensamento de Kant na *Crítica da Faculdade de Julgar* para lidar com esse mesmo problema no estudo de Kant enquanto um autor clássico:

Desde aquela altura foi quase ininterrupta a minha tentativa de extrair da parte estética da 3ª *Crítica* tudo o que pudesse justificar o combate para dissolver o cânone kantiano. Isto é, tratava-se de proteger, e converter em constelação sempre que possível, todos os pontos problemáticos que dificultassem o preenchimento do impulso sistemático, próprio de Kant: eis o que aprendi com o dragão contra ele mesmo (MOLDER, 2014, p. 12).

A repetição de um cânone não paralisa ou estagna o tempo sobre si mesmo, como quer Kant ou Novalis, eles mesmos clássicos canonizados. Não há repetição pura: toda repetição implica uma releitura, uma diferença. Os clássicos são encarnações em monumentos de perpetuidade. A estrutura do real colocada nas mediações com os clássicos designa um conjunto de paradigmas que modificam o retorno aos textos. A recepção é um princípio cognitivo ativo, pondo sempre o tempo em um movimento que corrompe cadeias lineares de sucessão. Por isso, um clássico é uma interrupção, um tempo múltiplo, bifurcante, fantasmático, uma arena na qual se digladiam dragão *versus* dragão. Nesse sentido, a própria formação, enquanto *Bildung* provinda do esclarecimento [*Aufklärung*], precisa usurpar do gládio o enfrentamento com os clássicos para reconhecer, nas ruínas que lhe fazem chegar até nós, uma iluminação de um renascimento.

A luta entre dragões permite ver e rever as coisas do mundo (cruzamento do passado registrado no texto e o tempo presente que se manifesta) e as coisas sobre si mesmo (repensando as relações intersubjetivas, individuais e decisórias) sob uma perspectiva que retém em si as tensões do mundo. Sem o texto clássico tal tensão estaria perdida no abismo emudecido da história. O clássico faz ver uma brecha no abismo que engole, emudece e apaga da história os não-adequados, os marginais e os revolucionários.

Síntese benjaminiana

A leitura dos clássicos se fez pertinente – inclusive a sua elaboração – em momentos de crise e tensão na sociedade. Momentos de tensões originam a própria concepção do que é o clássico: quando um dos veios principais da cultura passa a colapsar, a saber, a Antiguidade enquanto ruína, a secularização do poder clerical na

Idade Média e, por fim, o início da modernidade com a ascensão do capitalismo. Esses momentos de tensão provocam na sociedade uma torção de seus valores, resultando na queda do símbolo supraterrâneo: são rajadas de iluminação profana. Quando o presente dança nas ruínas que lhe dão forma trata-se de uma alegoria em tempo presente festivo, de passagem e ruptura, luto e redenção. Cantam as profanidades dos versos dionisiacos que se apagaram da história, canta o poeta Baudelaire às ruas e às valas de Paris, fazem do Céu – ser eterno – um abismo que a tudo devora. Nas palavras de Benjamin (2018b), o símbolo perde sua casca de integridade e o que resta ao trabalho intelectual é um “torso de um símbolo” (BENJAMIN, 2018b, p. 92).

O clássico é uma obra que reúne em si um pedaço da totalidade, aprisionando em seu sistema artístico enquanto objeto "aural", i. e., no corte de uma moldura, no contra ritmo de uma métrica, no torso que simboliza o todo em uma de suas partes. Essas partes relacionadas, tal qual imagens em um álbum, permitem compor um mosaico do mundo. Ler um clássico é ser um colecionador dessas imagens, desses fragmentos e desses torsos. O mosaico serve para entender as forças que implicam a tensão social. Nesse sentido, a *Bildung*, a formação humana que leve a sério o passado deve ter em conta que não é possível ler o passado de maneira linear. O encontro na formação com os clássicos possibilita saborear o saber da história relendo-o na medida em que cria a si mesmo enquanto leitor do mundo. Uma formação crítica requer uma leitura de mundo que escape aos modelos e ao tempo homogêneo e vazio, que trabalhe com um tempo de constelações oportunas e salvadoras.

Benjamin também faz essa coleção de imagens na sua literatura madura, em *Einbahnstraße* e *Berliner Kindheit um 1900*. Com essas imagens, alegorias puras, somos convidados a compor, junto da constelação de clássicos embutidas no texto benjaminiano (que foram criados a partir da leitura e releitura dos clássicos pelo próprio Benjamin), uma parte da própria constelação, ser mais uma de suas estrelas. Ler um clássico é deslindar constelações, descobri-las, participar de sua criação conjunta, formar-se enquanto cria e é criado pelos processos históricos. Nesse sentido, Goethe desenvolveu um gênero de literatura: o romance de formação (*Bildungsroman*). Foi fundado, inicialmente, “[...] com o *Wilhelm Meisters Lehrjahre* (Os Anos de Aprendizagem de Wilhelm Meister). Esta espécie de romance-paidéia alcançou o seu *punto oro* no *Der grüne Heinrich* (O Verde Henrique), de Gottfried Keller e, moderadamente no *Glasperlenspiel* (O Jogo de Vidrilhos), de Hermann Hesse” (OLIVEIRA, 1982, p. 11). A criação desse tipo de leitura tinha o intuito de preparar um solo firme para a formação dos homens, de maneira a fazer desabrochar, tal qual em Aristóteles, virtudes humanísticas nas personagens colocando-as em processo de amadurecimento e esclarecimento enquanto se desdobra o enredo do romance.

Por fim, se ainda os argumentos levantados não forem convincentes, Calvino (1993, p. 16) dá a cartada final: “A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor do que não ler os clássicos”.

Referências

- BENJAMIN, W. **O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão**. 3. ed. São Paulo: Iluminuras, 2018a.
- BENJAMIN, W. As afinidades eletivas de Goethe. In: **Ensaaios reunidos**: escritos sobre Goethe. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2018b.
- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos?** 2. ed. Tradução de Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- GOETHE, J. W. von. **Viagem à Itália, 1786-1788**. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- GOETHE, J. W. von. **Viagem à Itália**. Tradução de Wilma Patricia Maas. São Paulo: Editora UNESP, 2017.
- MOLDER, M. F. **As nuvens e o vaso sagrado**: Kant e Goethe. Leituras. Lisboa: Relógio d'Água, 2014.
- NOVALIS. Folha de Fragmentos. In: NOVALIS. **Pólen**: fragmentos, diálogos, monólogos. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 2001. p. 29-33.
- OLIVEIRA, F de. Entrada no alumbramento. In: BROCH, H. **A morte de Virgílio**. Tradução de Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 11-21.
- TORRES, R. R. Novalis: o romantismo estudioso. In: NOVALIS. **Pólen**: fragmentos, diálogos, monólogos. 2. ed. São Paulo: Iluminuras, 20019. p. 11-27.